

KIMBERLITOS DO ESTADO DO PIAUÍ

Liliane Lavoura Bueno Sachs¹; Francisco Valdir Silveira²

¹ CPRM; ² CPRM/SGB

RESUMO: O Serviço Geológico do Brasil-CPRM, por meio do Projeto Diamante Brasil, desenvolve em nível nacional, um sistemático programa de pesquisa voltado para o estudo de kimberlitos e/ou rochas relacionadas, visando à exploração de diamantes. O estudo objetiva a caracterização geológica, mineralógica - MIK (minerais indicadores de kimberlitos), geoquímica e geocronológica das intrusões já conhecidas e cadastradas no GEOBANK da CPRM/SGB. Nos anos 70-80 foram descobertos no Piauí 51 corpos kimberlíticos, os quais estão agrupados em 7 clusters distintos: Apicuns, Belmont, Sete Lagoas, Redondão, Moana, Tinguins e Vale Verde. Estes campos compõem as "Províncias kimberlíticas de Gilbués e Picos". Além desses campos de kimberlitos, merecem destaque as ocorrências de diamantes da região de Gibués, onde a mineralização está hospedada em terraços e aluviões cenozóicos, cujo substrato é formado por rochas da Bacia do Parnaíba. No total, foram visitados 51 corpos e consistidas suas coordenadas, coletando-se amostras de rocha quando possível, além de concentrado de peneira e bateia em todos eles. São corpos kimberlíticos, aflorantes ou não, alojados em rochas sedimentares da Bacia do Parnaíba. Esses corpos intrudem a borda leste e sul da Bacia do Parnaíba, cortando, na maioria dos casos, arenitos da Formação Cabeças e ocasionalmente, rochas das formações Pimenteira, Longá e Pedra de Fogo. Normalmente ocorrem na forma de pipes e diques em relevos negativos em relação às encaixantes, mostrando bordas de arenitos alçados e cozidos, com tufos e brechas. Na porção central dessas estruturas circulares, afloram rochas kimberlíticas alteradas, esverdeadas e ou amarronzadas. No solo podem ser observados minerais como olivina alterada, ilmenita, granada e cromitas. Alguns corpos não afloram e apresentam-se com cobertura arenosa, às vezes laterítica. Informações verbais indicam que pelo menos dois desses corpos são diamantíferos, um dos quais é a intrusão denominada Moana 11. Na Província Kimberlítica de Gilbués ocorre o mais famoso corpo kimberlítico do Brasil, o Redondão, o qual apresenta forma circular e relevo negativo em relação às rochas encaixantes, intrudindo rochas das formações Piauí e Pedra de Fogo. No centro da estrutura circular, afloram rochas kimberlíticas alteradas, compostas por brechas e tufos, de coloração esverdeada, onde ainda podem ser observados minerais como olivina, granada, ilmenita e mais raramente zircão. Observações de campo e amostras de mão indicam que o nível de erosão atual das intrusões expõe rochas possivelmente relacionadas ao fácies diatrema, conforme sugerem as feições texturais e estruturais primárias e mineralogia encontrada. Os corpos apresentam uma mineralogia principal de macrocristais com cerca de 1cm de diâmetro, podendo alcançar 2cm, de granada e ilmenita, esta última com encapamento de leucóxênio, além de suas formas arredondadas a angulosas. A mineralogia acessória presente na parte central dos corpos consiste de granadas nas cores vermelha, lilás e laranja, levemente corroídas, quebradas e pouco abradadas, com superfícies "kelifíticas", com até 2mm. Os minerais cromo-espinélio, cromo-diopsídeos verde oliva e olivinas, são menos freqüentes, apresentando tamanho de até 1mm, sendo que esses dois últimos encontram-se muito alterados.

PALAVRAS-CHAVE: KIMBERLITO; PIAUÍ; DIAMANTE.